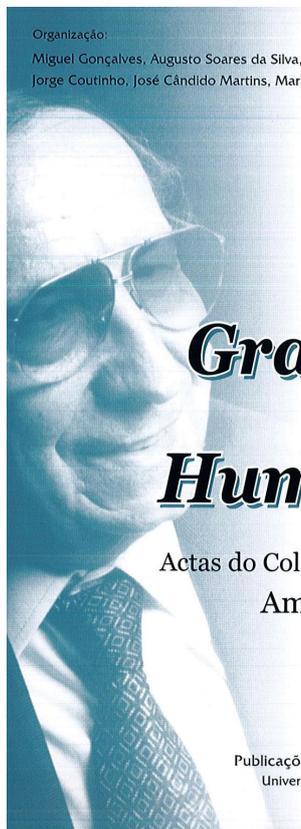


Organização:

Miguel Gonçalves, Augusto Soares da Silva,
Jorge Coutinho, José Cândido Martins, Maria José Ferreira



Gramática e Humanismo

Actas do Colóquio de Homenagem a
Amadeu Torres
Volume I

Publicações da Faculdade de Filosofia
Universidade Católica Portuguesa
BRAGA 2005

TÍTULO: **GRAMÁTICA E HUMANISMO**
Actas do Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres

EDIÇÃO: ALETHEIA – Associação Cultural e Científica
Faculdade de Filosofia
Universidade Católica Portuguesa
Praça da Faculdade de Filosofia, I
4710-297 BRAGA
Telef. 253 201 200 • Fax 253 213 940
<http://www.facfil.ucp.pt>

ORGANIZADORES: MIGUEL GONÇALVES
AUGUSTO SOARES DA SILVA
JORGE COUTINHO
JOSÉ CÂNDIDO MARTINS
MARIA JOSÉ FERREIRA

CAPA: MARCELO MARQUES

ISBN: 972-697-178-0

DEPÓSITO LEGAL: 236519/05

TIRAGEM: 450 exemplares

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: BARBOSA & XAVIER, LIMITADA – ARTES GRÁFICAS
Rua Gabriel Pereira de Castro, 31 A e C
4700-385 BRAGA
Tel. 253 618 916 / 253 263 063 • Fax 253 615 350
E-mail: barbosa.xavier@sapo.pt

*

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem a prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.

O presente texto corresponde à seguinte citação

Teixeira, José (2005). *Cognição e categorias: os conceitos de “fruto” e “fruta”*, I Vol., pp. 687-700 in Gonçalves, Miguel; Silva, Augusto Soares; Coutinho, Jorge; Martins, José Cândido; Ferreira, Maria José (Orgs.), *Gramática e Humanismo – Actas do Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres*, 2 volumes, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Braga. (ISBN 972-697-178-0)

Cognição e categorias: os conceitos de fruto e fruta

JOSÉ TEIXEIRA
Universidade do Minho
jsteixeira@ilch.uminho.pt

Resumo

Através da análise dos resultados de algumas centenas de inquéritos¹ sobre o conceito *fruto*, procurar-se-á pôr em relevo como é que, para a Linguística Cognitiva, a conceptualização é o resultado de interacções entre os mecanismos linguísticos e os restantes mecanismos cognitivos, organizando-se, as categorias resultantes, em blocos de estrutura prototípica.

A organização prototípica das categorias pode ser, assim, bastante reveladora da forma como a lexicalização linguística é simultaneamente resultado e causa das percepções que uma comunidade linguística tem do mundo e das vivências sobre ele construídas. Noções como a de «significado corporizado» são, para a perspectiva cognitiva, o reflexo de que não é possível separar de forma rígida, como as semânticas de fundamentação lógica o pretendem, o conhecimento linguístico e o chamado «conhecimento do mundo».

Palavras-chave: categorização, conceptualização, protótipo

1. Como é que organizamos a realidade em categorias?

Este estudo insere-se no âmbito da Semântica Cognitiva, nomeadamente na chamada semântica do protótipo. A concepção prototípica defende que o significado linguístico se organiza em categorias em que há membros mais (proto)típicos e outros menos: ou seja, do conjunto de elementos pertencentes a uma categoria, uns são mais centrais e outros mais periféricos. Ao contrário das concepções de cariz estruturalista, em que os membros de uma categoria possuem todos o mesmo estatuto, na concepção prototípica o grau de pertença à categoria varia entre muitos membros do grupo. Os conceitos de *cadeira*, *azul*, *correr*, assentam em modelos categoriais que fazem

¹ Por causa dos compreensíveis limites impostos à sua extensão, este texto não pode apresentar a totalidade dos resultados dos inquéritos e das reflexões teóricas sobre os mesmos. Por isso, esta temática é retomada num outro texto, publicado na revista *Diacrítica – Série Ciências da Linguagem*, n.º 19/1 (2005), pp. 239-280, com o título «Organização conceptual das categorias e a lexicalização de um protótipo (*fruta*)».

com que haja algumas cadeiras «mais cadeiras» que outras, que haja vários azuis, mas que um desses tipos seja um azul «mais azul» que os outros².

2. O protótipo e a dinâmica cognitiva

O protótipo será, assim, a estrutura conceptual modelar que, para os falantes, corresponde prioritariamente a uma determinada conceptualização. Não pode ser entendido como, no início, o foi: uma «coisa» que representa toda uma categoria. Por exemplo, entender-se que há um determinado pássaro concreto que é o modelo através do qual construímos a categoria *pássaro*. Esta coisificação cognitiva não é, obviamente, defensável, porque os efeitos de prototipicidade não se verificam apenas relativamente a realidades físicas como *ave* ou *fruto*, mas, pelo menos, a todas as organizações mentais linguisticamente traduzíveis. Assim, podemos falar não só no(s) uso(s) prototípico(s) do substantivo *pássaro*, mas também do verbo *deixar*, da preposição *sobre* ou do advérbio *agora*. O protótipo corresponderá, assim, a um «modelo mental de base», através do qual configuramos determinada parte da realidade que sistematizamos num particular item lexical. Esse modelo mental não é necessariamente rígido, único e uniforme, podendo organizar-se em variantes derivadas e inter-relacionadas³.

O protótipo será, assim, uma espécie de modelo, simultaneamente filtrador e orientador para a inserção de um elemento numa categoria. Quando, perante algo que nos aparece como novo, fazemos a pergunta «o que é isto?», estamos a tentar inseri-lo numa das categorias que temos estruturadas ou receptivos a conhecer/construir nova categoria. O protótipo não poderá ser, assim, entendido como **um** elemento representativo de uma categoria, uma realidade objectual e discreta, mas terá que ser concebido no sentido de Lakoff (1987), como «modelo cognitivo idealizado», o que implica ser construído mentalmente pelas experiências cognitivas e associativas dos falantes e não pelas taxionomias científicas.

É precisamente esta perspectiva teórica que seguidamente, através da descrição da(s) categoria(s) *fruto/fruta*, se procurará demonstrar.

² Sobre a noção de protótipo, ver, por exemplo, Teixeira 2001: 61-80 e Silva 2004:79-96. A noção de protótipo foi primeiramente utilizada e desenvolvida em Antropologia (Brent Berlin e Paul Kay no estudo da percepção das cores). Foi sobretudo nos anos setenta do século XX que Eleanor Rosch e a sua equipa de investigação em Psicolinguística utilizaram e desenvolveram o conceito de protótipo no estudo da categorização das cores, das aves e de outras classes linguisticamente traduzíveis em conceitos lexicalizados (E. Rosch: 1973, 1975, referindo apenas os trabalhos iniciais).

³ Veja-se Teixeira 2001, em que se analisa a estruturação prototípica de *frente/trás*, mostrando-se como a organização linguístico-cognitiva deste vector da espacialidade corresponde a vários modelos mentais cognitivamente interligados.

3. A categoria *fruto*

Dado que o linguista não tem acesso directo à organização semântico-cognitiva que o falante manipula nos seus usos linguísticos, terá que se servir de meios (indirectos) que, na medida do possível, ajudem a vislumbrar a forma como se organizam os conceitos e os modelos semânticos.

Assim, embora não se possa visualizar a estruturação de uma categoria, pode-se, pelo menos nas categorias cujos referentes directos são passíveis de observação, num primeiro momento, verificar que membros mais típicos e mais recorrentes é que a constituem. Posteriormente tentar perceber que redes semânticas organizam e suportam a categoria.

3.1. Categoria e facilidade de evocação

Para conseguir o primeiro objectivo (verificar os membros mais facilmente identificados da categoria *fruto*) entregava-se um quarto de folha A4 com 14 linhas em branco encimadas pelo pedido «Indique nomes de frutos»⁴.

As finalidades eram, em primeiro lugar, verificar se, para os falantes, o conceito de *fruto* evoca aleatoriamente os membros que o constituem ou se há ou não membros da categoria, ou seja, *frutos* que são mais facilmente evocados. E, posteriormente, tentar, através da análise das respostas, perceber em que moldes se estrutura o conceito e se é possível deduzir os principais vectores semânticos que o constituem.

Este primeiro tipo compreendeu 6 inquéritos⁵, (designados aqui por A, B, C, D, E, F) com as características de amostra indicadas no quadro da Figura 1, e cujos resultados são expressos pelo gráfico da Figura 2.

Através dele podemos constatar uma primeira conclusão que se afigura óbvia: para os falantes, a categoria *fruto* evoca alguns membros muito mais facilmente que outros. Essa diferença de evocação não é fruto do acaso, como facilmente se intui e o gráfico comprova. A linha que representa a frequência de evocação é suficientemente explícita na sua queda a partir de um grupo relativamente restrito de elementos.

INQUÉRITOS	A	B	C	D	E	F	Total
N.º inquiridos	208	37	37	85	34	89	490
Idades	30-35	10-12	9-10	8-12	18-25	27-64	
Número total de frutos indicados nos 6 inquéritos							7731

Figura 1. Número e grupos etários dos inquiridos (nomeação de frutos)

⁴ Os inquéritos aqui referidos foram realizados pelos alunos do 2.º ano do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas no âmbito da disciplina de *Semântica e Lexicologia* no primeiro semestre do ano lectivo de 2003/2004. As amostras são bastante heterogéneas, incluindo crianças, adolescentes e adultos. No resultado de cada inquérito indica-se o número e as faixas etárias dos inquiridos.

⁵ Tabela completa de resultados em Anexo.

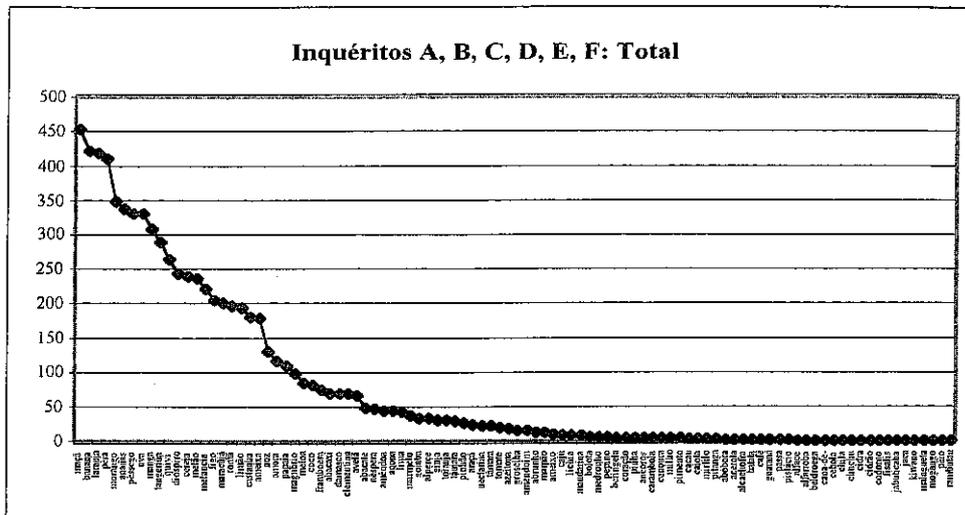


Figura 2. Resultados totais (nomeação de frutos)

Mas, poder-se-ia argumentar, o número global pode não provar efectivamente esse poder de facilidade de evocação que aqueles membros possam ter. Por exemplo, um determinado fruto, que na globalidade aparece nos primeiros lugares, pode ter conquistado essa posição em virtude de ter obtido um número muito elevado de respostas apenas num ou noutra inquérito. A sua característica de evocabilidade não seria, portanto, atribuível à organização categorial, mas a uma determinada circunstância aleatória⁶.

O número de inquéritos (seis) é uma primeira salvaguarda desta objecção. Para além disso, se repararmos nos resultados globais dos mesmos, vemos a coincidência muito acentuada entre os respectivos resultados. Cada fruto tem uma citação percentual muito equivalente em cada um dos inquéritos (Figura 3)⁷.

⁶ Por exemplo, se se fizesse um inquérito sobre frutos dentro de uma fábrica de tratamento de amêndoas, era natural que, nas respostas, a amêndoa ocupasse um dos primeiros lugares. Daí não se poderia concluir que efectivamente a amêndoa é um membro facilmente evocado pela categoria *fruto*, porque outros inquéritos feitos noutras circunstâncias provariam o contrário. A evocação, no caso referido, era meramente contextual, muito mais ligada a factores pragmáticos do que à configuração semântica do conceito.

⁷ O caso de desnível mais substancial (o limão) será analisado mais à frente.

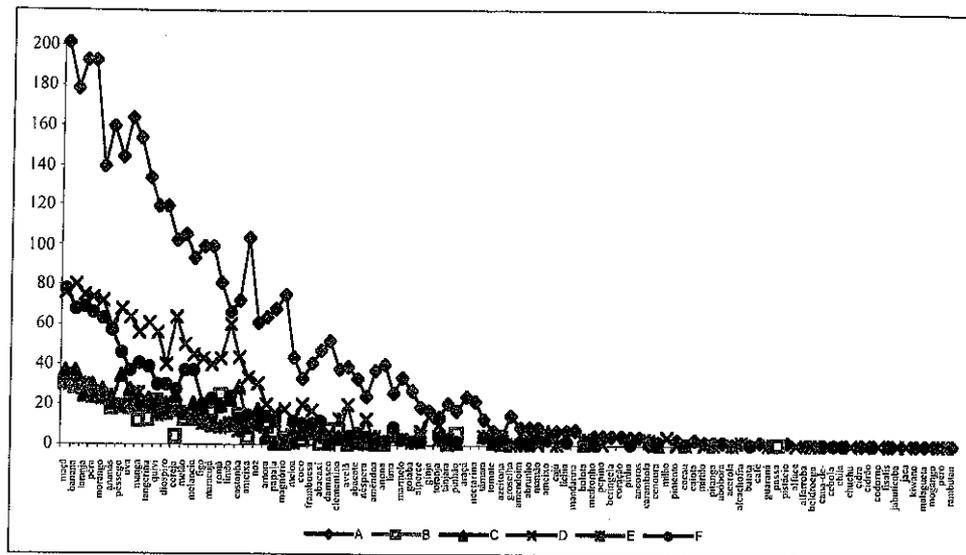


Figura 3. Gráfico comparativo dos 6 inquéritos (nomeação de frutos)

Importante é igualmente o facto de haver 31 frutos comuns a todos os inquéritos e 21 deles ocuparem ininterruptamente os 21 primeiros lugares⁸. E se repararmos num gráfico (Figura 4) relativo às citações dos 31 frutos que aparecem em todos os inquéritos, vemos como é proporcional o respectivo peso na referida série e como as linhas que os representam têm um desenho gráfico muito equivalente⁹.

Este conjunto de dados prova – penso que inequivocamente – que há um determinado grupo de frutos que, mais do que todos os que assim possam ser considerados, é muito mais facilmente evocado pelos falantes do Português Europeu (PE).

Que valor, dentro do quadro da percepção prototípica do conceito, podemos dar a esta maior evocabilidade? Deverá ser entendida como equivalente ao protótipo? Ou seja, poder-se-á deduzir que o elemento mais facilmente evocado pela categoria corresponde ao protótipo da mesma?

A resposta é, obviamente negativa: para além de alguns leitores apressados de semântica cognitiva, já ninguém aceita a noção de protótipo como a de «melhor exemplar». Até porque colocar assim a questão é entrar-se no ridículo de aceitar que um objecto/exemplar concreto corresponde a um

⁸ Ver a tabela com os resultados totais em Anexo 1 final.

⁹ Nas séries de menores valores (B,C,E) não se visualiza tão bem a correspondência entre as linhas já que na escala global representam valores baixos sem diferenças tão acentuadas como as linhas dos inquéritos A, D e F.

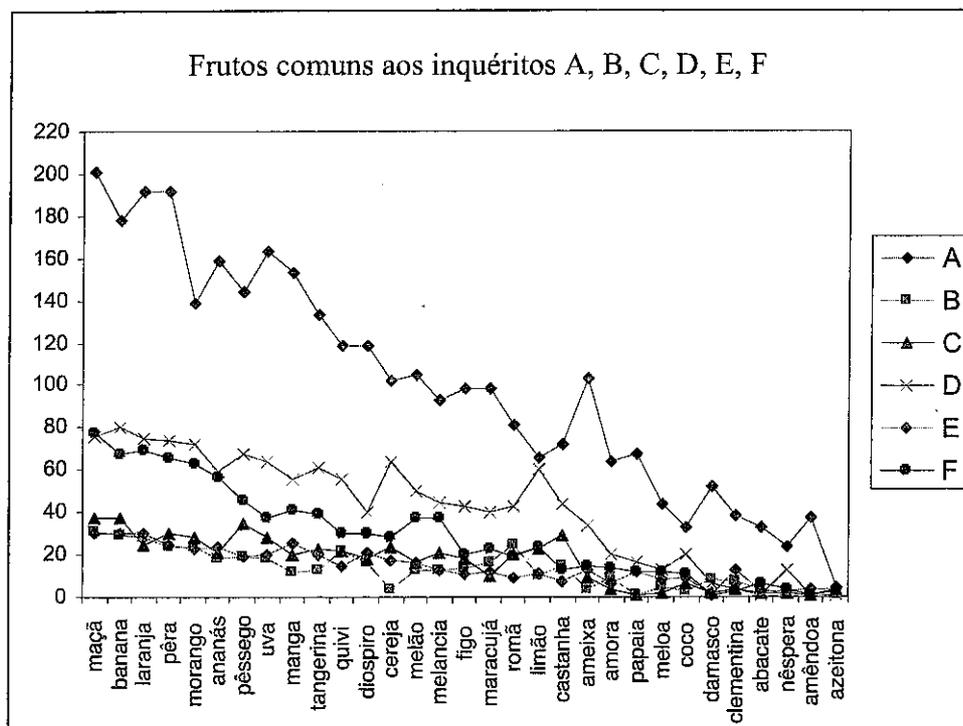


Figura 4. Gráfico comparativo dos 6 inquéritos (nomeação de frutos)

modelo mental estruturador da categoria. Por outro lado, os resultados dos inquéritos mostram que a diferença entre os elementos mais citados não é abrupta, mas contínua, gradual. Ou seja, num inquérito pode ser a maçã o fruto mais citado (como foi em A, B e F), mas noutros pode ser outro fruto (em D, *maçã* 76, *banana* 80) ou haver empate (em C, *maçã* e *banana* com 37 cada e em E *maçã*, *banana* e *laranja* com 30 cada).

Os dados demonstram, assim, que estatisticamente não se pode afirmar que há um (mesmo um) fruto que é o primeiro ou o protótipo objectual da categoria. O que indicam é que há uma relativa invariância do lugar que cada fruto ocupa em inquéritos que retratem a facilidade de evocação da categoria.

Como é que devemos interpretar esta facilidade de evocação? Que resulta de uma ligação às particularidades mais características da categoria, parece não ser questionável. Deverá ser entendida, então, como representando o grau de prototipicidade da categoria? Ou seja, haverá uma proporcionalidade directa entre a facilidade de evocação e o grau de prototipicidade.

As relações, a nível cognitivo, não são, por norma, unifactoriais, por muito que isso agradasse a concepções mais ou menos mecanicistas da cognição. A evocabilidade é apenas uma das manifestações da prototipicidade. É consequência e não causa, conjugando-se com múltiplos factores, alguns dos quais puramente contextuais. Por exemplo, nestes inquéritos, os

lugares muito cimeiros das uvas e das castanhas (8.º e 20.º, respectivamente, numa listagem de 98 frutos)¹⁰ obtiveram resultados bastante significativos talvez pelo facto de quase todos os inquéritos se terem realizado na época posterior às vindimas e próxima da das castanhas. Muitos foram feitos em escolas e por esta altura os alunos dos primeiros níveis de ensino realizam muitos trabalhos escolares sobre estes dois temas, como facilmente se pode comprovar pelos manuais escolares. Penso, no entanto, que não se pode dizer que estes factos distorcem os resultados. A grande importância sócio-cultural que as uvas e as castanhas possuem é simultaneamente causa e consequência do lugar de destaque que ocupam no imaginário colectivo, o que se reflecte necessariamente no conceito de *fruto* em Português Europeu.

Outras situações do género, como a de *romã*. Ocupa um lugar (18.º) que não corresponde ao lugar efectivo que tem enquanto fruto no dia a dia, estando à frente de frutos muito mais comumente utilizados como *castanha*, *ameixa* e *melo*. A romã, no entanto, deve o seu lugar mais ao imaginário do que à utilização prática. Antes da vulgarização dos frutos exóticos nas últimas décadas, a romã era o fruto mais exótico que tínhamos, desde a sua coroa real até à sua constituição interna. Hoje, embora não sendo um fruto vulgar, sendo mesmo um fruto que praticamente não dá para comer, alicerçada numa semelhança física com frutos típicos, continua a entrar frequentemente como exemplo nos livros escolares, onde ajuda nas palavras começadas por *r* e nas que têm o som *ã* final (que não são assim tantas...). Penso que muita gente que cita a romã como exemplo de fruto, nunca ou poucas vezes comeu romãs. Estes factos, aparentemente laterais, ajudam a perceber como na pertença de determinados elementos a uma categoria são importantes os factores que relevam do imaginário (os «mitos e crenças») e não somente a experiência física.

Compreende-se, assim, que são múltiplos e diversos os factores que contribuem para a constituição de uma categoria e variados os aspectos cognitivos que presidem à sua constituição e funcionamento, já que tudo o que se viu confirma como as categorias são dinâmicas e por isso mesmo continuamente adaptáveis.

3.2. *Membros centrais e periféricos*

As conclusões que se foram apresentando sobre a organização prototípica do conceito de *fruto* basearam-se nos inquéritos da nomeação de frutos (que mostram o diferente grau de evocabilidade que cada membro possui) e no da descrição das propriedades mais salientes da categoria.

Concluiu-se, a partir deles, que a categoria em análise—*fruto*—possui determinados membros mais facilmente evocados. Mas até que ponto estes resultados são compatíveis com o grau de prototipicidade de cada fruto? Ou seja, o facto de um fruto ser mais facilmente evocado estará relacionado

¹⁰ Ver listagem em anexo final.

de alguma forma com a sua proximidade do núcleo dos elementos prototípicos da categoria?

Para verificar esta relação foram feitos nove inquéritos, a um total de 430 falantes, sobre um dado grupo de frutos que ocupam lugares diferentes na escala das nomeações. A cada inquirido era dada uma folha A4 em que se pedia para escolher a afirmação que melhor retratava a respectiva opinião relativamente a cada um dos frutos apresentados (pêssego, maçã, azeitona, castanha, morango, noz, tomate, bolota, banana, limão):

Ponha um **X** na afirmação que considere mais adequada para cada fruto:

PÊSSEGO

- 0 - Não é um fruto
- 1 - Não sei se é um fruto ou não
- 2 - Talvez seja um fruto
- 3 - Deve ser um fruto, mas não parece
- 4 - É um fruto
- 5 - É um fruto típico
- 6 - É um dos frutos mais típicos

Esta escala repetia-se para cada um dos 10 frutos indicados.

Os resultados globais¹¹ organizados em gráfico foram os referidos na Figura 5:

Neste gráfico podemos encontrar nitidamente três grupos:

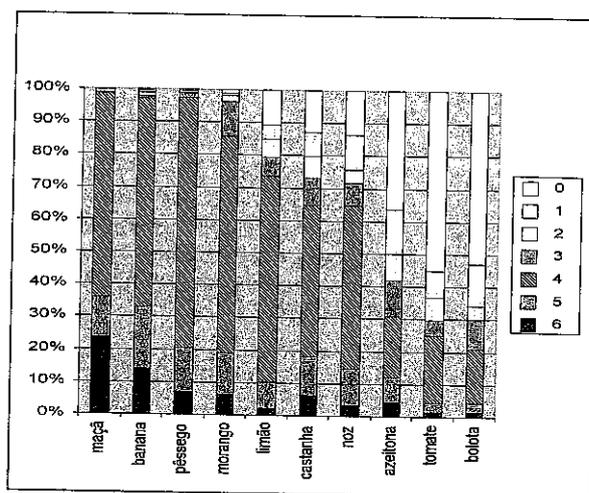


Figura 5. Resultados globais (grau de prototipicidade)

¹¹ Ver os resultados globais numéricos em anexo. Estes resultados globais correspondem a um conjunto de nove inquéritos feitos a falantes de diversas idades. Os resultados de cada inquérito aparecem em Anexo final. Pode-se constatar a relativa invariância dos resultados, que mostram apreciações muito semelhantes para cada fruto em cada um dos nove inquéritos parciais.

- um grupo constituído pelos frutos assinalados como muito prototípicos por praticamente todos os inquiridos (maçã, banana, pêssigo e morango);
- um segundo grupo que inclui um conjunto de frutos ainda sentidos como tal pela esmagadora maioria, mas com uma percentagem significativa de inquiridos que acha que não são frutos (limão, castanha e noz);
- um terceiro grupo constituído pelos elementos que apenas uma pequena percentagem de inquiridos incluiria na categoria *fruto* (azeitona, tomate, bolota).

Se compararmos os resultados deste inquérito com a listagem geral obtida através da nomeação de frutos, vemos que a coincidência é, no essencial, completa¹². Os frutos que foram considerados muito prototípicos (maçã, banana, pêssigo e morango) ocupam também os primeiros lugares na listagem de frutos (respectivamente, 1.º, 2.º, 7.º e 5.º lugar); os que foram classificados a seguir, menos prototípicos, com desvio de prototipicidade muito semelhante, assim aparecem também no inquérito da listagem: ocupam os lugares 19.º (limão), 20.º (castanha) e 22.º (noz); os que foram considerados apenas marginalmente como frutos, situam-se também nos últimos lugares da listagem: 48.º (tomate), 49.º (azeitona) e 58.º (bolota).

Veja-se, num gráfico comparativo (Figura 6), como os classificados como muito prototípicos ocupam a posição mais elevada no gráfico da listagem, os medianamente prototípicos ocupam uma posição média no mesmo inquérito e os classificados como marginais ocupam igualmente posições marginais na escala que traduz a evocabilidade:

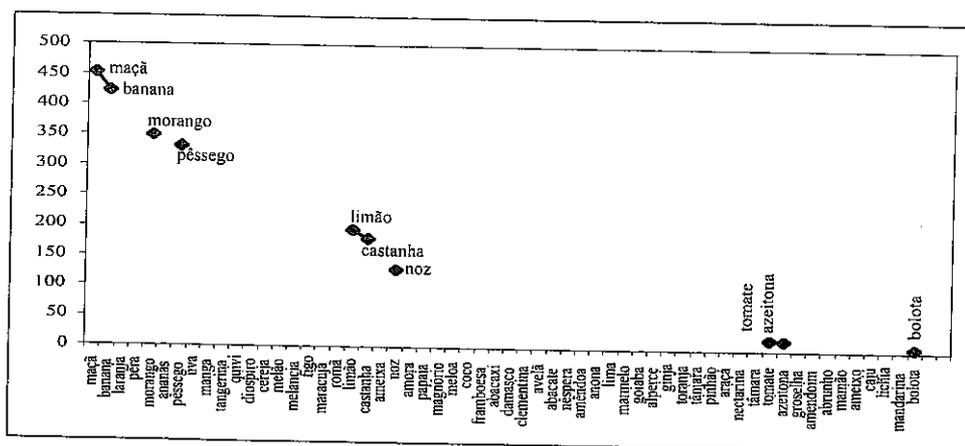


Figura 6. Posições, na escala de nomeação, dos frutos inquiridos

¹² Como é evidente, os inquiridos não são os mesmos nos dois inquéritos.

4. Algumas conclusões

Os dados apresentados demonstram a estabilidade orgânica da categoria *fruto* e simultaneamente a variabilidade e a abertura à contínua reformulabilidade da mesma categoria.

A estabilidade comprova-se através da coincidência entre os resultados dos vários tipos de inquéritos, bem assim como dentro dos inquéritos parciais.

Assim, nos 6 inquéritos destinados a aferir a frequência de nomeação (490 inquiridos e 7731 frutos nomeados) verifica-se uma coincidência global. Quer os frutos mais nomeados, quer os medianamente nomeados, quer os pouco nomeados, para além de pequenas diferenças, são os mesmos em cada um, como se pode comprovar pelo gráfico da Figura 3. A acrescentar a isto, verifica-se que os elementos mais nomeados coincidem com as primeiras posições de nomeação. Ou seja, um fruto quanto mais vezes nomeado for, mais tendência tem para ser um dos primeiros a ser nomeado. Parece concluir-se, desta constatação, uma relação muito estreita entre a frequência e a facilidade de nomeação ou evocabilidade. Note-se, igualmente, que os elementos mais nomeados são os que melhor preenchem os requisitos que os falantes descreveram como caracterizadores da categoria¹³ (comer-se cru, ser doce, ser sumarento, nascer em árvores...)

Daqui se pode concluir que os falantes atribuem valores diferenciados de pertença aos membros de cada categoria: uns são mais (frutos) que outros, porque são familiares aos falantes e possuem em alto grau um feixe que inclui os parâmetros principais que caracterizam a categoria. Este aspecto foi corroborado pelos resultados dos 9 inquéritos que mostravam como os falantes coincidem entre eles (e confirmam os dados dos inquéritos anteriormente apresentados) quando atribuem um grau de pertença a cada elemento da categoria (cfr.Figura 5).

Como se vê, há um conjunto de invariâncias entre os falantes relativamente à estrutura e aos elementos componentes de uma categoria. No entanto, não é uma invariância estática, mas dinâmica, continuamente reformulável. A organização categorial é uma espécie de estrutura fractal, no sentido em que estas estruturas são entendidas pela Teoria do Caos. Estruturas «caóticas» que incluem vários níveis sempre indeterminadamente complexos: uma categoria implica organizações categoriais que implicam outras categorias e assim sucessivamente até à organização complexa que relaciona todo o *stock* linguístico-cognitivo¹⁴.

Esta invariância dinâmica reflecte-se na não identidade absoluta do conceito para todos os falantes e na possibilidade de extensão que o mesmo conceito apresenta. Como as zonas periféricas podem ser mais ou menos

¹³ Em inquéritos complementares, não analisados aqui devido à limitação imposta à extensão deste artigo.

¹⁴ A propósito da comparação entre a organização lexical do significado linguístico e as estruturas fractais da Teoria do Caos, ver Teixeira 2001:26-34 e Teixeira 2004:189-207.

extensas, para uns falantes, uma realidade é um fruto, mas para outros é capaz de não ser. É esta capacidade de fronteira elástica que os conceitos têm que permite a sua contínua reformulabilidade, quer quanto aos membros constituintes, quer quanto aos parâmetros que configuram as suas valências.

Deste modo, o conceito organiza as relações centro-periferia entre os seus membros por mecanismos de associação cognitiva e não apenas com o protótipo. Ou seja, a referência ao carácter prototípico da organização categorial poderia ser entendida como equivalendo obrigatoriamente à necessidade de qualquer membro dever sempre ser inserido na categoria por comparação com o protótipo. Só que «o protótipo» não pode ser entendido como um dos elementos que compõem a categoria, um objecto, mas como um modelo organizador, um modelo radial, abstracto, idealmente dotado das valências mais salientes da mesma categoria. Por isso, a ligação de pertença de um membro não se faz apenas relativamente ao protótipo, mas a um ou outro dos membros da categoria. Eles engastam-se uns nos outros, como as cerejas. Um determinado elemento pode não ter muitas ou as principais características do protótipo, ou mesmo ter características opostas, mas se for cognitivamente associado a um outro dotado de grande prototipicidade, ele tem tendência a ser inserido ou, pelo menos, ocupar as margens da categoria.

É o que acontece, por exemplo, com o limão e que explicará o facto de este fruto ser aquele (ou daqueles) que apresenta mais oscilações nos resultados dos inquéritos. Se repararmos no gráfico da Figura 4, ou nos resultados globais (em Anexo 1) notamos diferenças significativas de peso proporcional da representatividade deste fruto: no inquérito D tem uma grande representatividade e no A bastante pequena (o gráfico comparativo mostra que as linhas dos resultados quase se tocam, ou seja, nos dois o limão obtém quase as mesmas nomeações, apesar de o inquérito A ter mais do que o dobro dos inquiridos de D). Isoladamente considerado, o limão apresenta aspectos opostos aos elementos insersores na categoria *fruto*: não se come à sobremesa e é amargo. No entanto, o facto de estar associado a um grupo muito prototípico, o grupo das laranjas e tangerinas, faz com que seja facilmente evocado, embora sempre muito menos do que as laranjas. Há, portanto, um encadeamento entre membros e não em comparação com o protótipo. Até na ordem pela qual as citações são feitas se vê isto mesmo. O limão, quando é indicado, aparece quase sempre a seguir à laranja e um maior peso percentual deste fruto acarreta um aumento de referências àquele.

Outro exemplo de associação cognitiva de entrelaçamento entre elementos verifica-se entre o melão e a melancia. Neste caso, como partilham propriedades do protótipo em grau muito semelhante, obtêm resultados muito idênticos, embora quase sempre com uma ligeira vantagem do melão, habitualmente citado antes da melancia (as pessoas, ao nomearem os frutos, dizem por norma «melão, melancia» e muito raramente «melancia, melão).

Noutros aspectos se podem detectar sinais da importância que o *stock* cognitivo dos falantes tem na organização, percepção e manipulação mental, não só da categoria global, mas das especificidades de pertença de cada um dos membros. Ou seja, cada membro não pertence à categoria por hipoteti-

camente partilhar um conjunto de condições necessárias e suficientes comuns, mas pelas especificidades que possui. Há até determinados aspectos semântico-cognitivos que acarretam modificações linguísticas a nível morfológico. Por exemplo, nos aspectos ligados à dimensão e volume do fruto. Não apenas do volume absoluto, mas da sua relação como facto de comermos habitualmente de cada vez um ou mais do que um. Assim, nos inquéritos «neutros» do género «Indique nomes de frutos», há frutos que aparecem quase sempre no plural, e talvez por mais do que uma razão.

- aqueles que são mais pequenos e por isso são comidos «no plural»: *uvas, cerejas, morangos, figos*;
- por aparecerem em conjunto, em grupo: *as bananas*;

Outros aparecem sempre no singular:

- Os de grande dimensão: *melão, melancia, ananás*,
- Os novos, exóticos, têm também tendência a aparecer no singular: *a papaia, o maracujá*.

Pelos dados apresentados podem, sem grandes margens de dúvida, comprovar-se alguns dos aspectos mais caros a uma concepção semântica de cariz cognitivo. Em primeiro lugar, a impossibilidade de separar o chamado «conhecimento linguístico» do *stock* cognitivo que cada falante possui sobre o mundo (físico ou mítico) que vai apreendendo. E, por outro lado, que as categorias linguísticas não funcionam para os falantes como conjuntos estruturados em condições necessárias e suficientes, sendo, antes, compostas por membros que se inter-relacionam através de diferentes estatutos de pertença.

Referências

- LAKOFF, George, 1987, *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*, The University of Chicago Press, Chicago and London.
- ROSCHE, E., 1973, «On the internal structure of perceptual and semantic categories», in Moore, T. (Ed.) *Cognitive Development and the Acquisition of Language* (pp. 111-144), Academic Press, New York.
- 1975, «Cognitive representations of semantic categories», *Cognitive Psychology* 7 (pp. 573-605).
- SILVA, Augusto S., 2004, «Protótipos, imagens e metáforas, ou o experiencialismo da linguagem e do pensamento», in Dinis, Alfredo e Curado, J. M. (Org.s), *Consciência e Cognição*, Publicações da Faculdade de Filosofia da U. C. P., Braga.
- TEIXEIRA, José, 2001, *A verbalização do Espaço: modelos mentais de frente/trás*, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga.
- 2004, «O equilíbrio caótico do significado linguístico», *Diacrítica Série Ciências da Linguagem*, n.º 18/1, Universidade do Minho, Braga, pp. 189-207.
- 2005, «Organização conceptual das categorias e a lexicalização de um protótipo (fruta)», *Diacrítica, Série Ciências da Linguagem*, n.º 19/1 Universidade do Minho, pp. 239-280.

Anexo 1

Frutos indicados	INQUÉRITOS						Total
	A	B	C	D	E	F	
maçã	201	31	37	76	30	78	453
banana	178	29	37	80	30	68	422
laranja	192	28	25	75	30	69	419
pêra	192	24	30	74	25	66	411
morango	139	24	28	72	23	63	349
ananás	159	18	21	59	24	57	338
pêssego	144	19	35	68	19	46	331
uva	163	18	28	64	20	37	330
manga	153	12	20	56	26	41	308
tangerina	133	13	23	61	20	39	289
quivi	119	22	22	56	15	30	264
diospiro	119	16	18	40	21	30	244
cereja	102	4	24	64	17	28	239
melão	105	13	16	50	16	37	237
melancia	93	13	21	45	13	37	222
figo	99	14	18	43	11	20	205
maracujá	99	16	10	40	12	23	200
romã	81	25	20	43	9	19	197
limão	66	10	23	60	11	24	194
castanha	72	15	29	44	7	13	180
ameixa	103	4	9	34	13	15	178
noz	61		18	31	10	10	130
amora	64	9	4	20	6	14	117
papaia	68	1	1	16	12	12	110
magnório	75	3	1	18	2		99
melo	44	5	2	13	8	12	84
coco	33	3	6	20	9	11	82
framboesa	41			17	6	11	75
abacaxi	47	1	6		4	12	70
damasco	52	8	2	6	1	1	70
clementina	38	7	4	4	13	3	69
avelã	39		1	20	2	4	66
abacate	33	4	2	1	3	6	49
nêspera	24	1	2	13	3	4	47
amêndoa	37	1	1	1	4	1	45
anona	40		1		2	2	45
lima	26			3	5	9	43
marmelo	34					3	37
goiaba	27			3	2	2	34
alperce	19			7	5	2	33
ginja	17			14			31
toranja	14			10	3	4	31
tânjara	21	1		1	3	3	29
pinhão	17	6	2			2	27
araçá	24						24
nectarina	22						22
tâmara	13				5	4	22
tomate	7		2	5	4	2	20
azeitona	5	1	4	1	4	3	18

Frutos indicados	INQUÉRITOS						Total
	A	B	C	D	E	F	
groselha	15				1		16
amendoim	9		3		1	2	15
abrunho	9				3	1	13
mamão	9			1	3		13
ameixo	3		7				10
cajú	7			1	1		9
lichia	7					2	9
mandarina	8						8
bolota	2		1		3		6
medronho	5					1	6
pepino	5			1			6
beringela	5						5
coração neg.	5						5
pinha	4					1	5
ancoros	4						4
carambola	1				3		4
cenoura			1	1		2	4
milho				4			4
pimento	3			1			4
cacau	1				1	1	3
caiota	3						3
mirtilo	2			1			3
pitanga	2				1		3
abóbora	2						2
acerola	1				1		2
alcachofra					2		2
batata	1					1	2
café	2						2
guaraná	1				1		2
passa	1	1					2
pistácio	2						2
alface				1			1
alfarroba	1						1
beldroega					1		1
cana/açúcar	1						1
cebola						1	1
chila						1	1
chuchu				1			1
cidra	1						1
cidrão	1						1
codorno				1			1
fisalis	1						1
jabuticaba				1			1
jaca				1			1
kiwano	1						1
malagueta	1						1
mogango	1						1
pêro					1		1
rambutan	1						1

Anexo 2

Frutos_	Nível 0	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6
Pêssego	1	1	3	6	328	58	29
maçã	0	1	4	1	259	52	97
azeitona	144	53	33	43	74	31	17
castanha	55	32	28	35	199	51	27
morango	4	4	8	45	285	55	27
noz	59	45	18	30	215	49	14
tomate	234	33	30	20	88	12	6
bolota	226	54	17	40	70	12	7
banana	1	4	5	3	271	80	60
limão	45	19	24	25	269	35	9